TECENDO POEMAS

VOL. III

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-58696-1
2022
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA

DESMUDANÇA, POR ANA KELLY BORBA DA SILVA BRUSTOLIN, PÁG. 05
O BRILHO NOS OLHOS, POR EDINEY LINHARES DA SILVA, PÁG. 07
ANSIEDADE DESALINHADA, POR EUZÉBIO FERRAREZE, PÁG. 09
A NOITE É PARA TODOS, POR EUZÉBIO FERRAREZE, PÁG. 11
SOU A ESPERA, POR EUZÉBIO FERRAREZE, PÁG. 13
UM FIO NESSA TEIA, POR HENRIQUE CANANOSQUE NETO, PÁG. 15
MUTAÇÕES HEDIONDAS, POR INÁCIO JORGE XAVIER FONSÊCA, PÁG. 17
MARIA FLOR, POR INÁCIO JORGE XAVIER FONSÊCA, PÁG. 19
AMOR DE ASAS, POR IOMARA LARISSA LUZ DE ARAGÃO, PÁG. 21
RECOMEÇO, POR JESSANA DA SILVA, PÁG. 24
GOIÁS VELHO, POR L. MACHAIM, PÁG. 26
COR DE JAMBO, POR L. MACHAIM, PÁG. 28
METAMORFIA, POR L. MACHAIM, PÁG. 30
VINHO INTERRUPTO, POR LUCAS ONOFRE, PÁG. 33
RELÓGIO DO TEMPO, POR LUCAS ONOFRE, PÁG. 35
METAPOESIA, POR LUCAS ONOFRE, PÁG. 37
EXISTÊNCIA, POR NANCY ALCÂNTARA, PÁG. 39
01:37, POR PEDRO HENRIQUE ANDRADE, PÁG. 41
QUE SE A VIDA É ISSO, POR PEDRO HENRIQUE ANDRADE, PÁG. 44
A SUA, POR PEDRO HENRIQUE ANDRADE, PÁG. 46
O NADIR, POR RAFAEL PASCOTO FUGIMOTO, PÁG. 48
SER POETA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 51
IMAGINAÇÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 54
MENTE SOMENTE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 56
O MILAGRE DE RENASCER, POR SOLANGE DAMIÃO, 58
A LEVEZA DO AMOR QUE NUNCA MORRE, POR SUIANY TAVARES, PÁG. 60
O ENCANTADOR DE COBRA, POR TIAGO GUIBRA, PÁG. 62
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 64

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

TECENDO POEMAS
VOL. III

APRESENTAMOS O POEMA

Desmudança

Por Ana Kelly Borba da Silva Brustolin

Ana Kelly Borba da Silva Brustolin formou-se em Letras – Língua e Literatura Portuguesas e tornou-se mestra em Linguística pela UFSC. Considera-se mulher, mãe, professora e poeta, além de andarilha errante e eterna aprendiz no caminhar da vida... É amante das relações humanas, da palavra, de viagens, natureza, música, comida e boa conversa. Atua como professora, colunista do Jornal OCP News, poetisa, revisora de textos e palestrante. Está sempre em busca do profundo, visto que, para ela, a profundidade não é nítida, assim não pode ser entendida como um momento permanente.

Tenho observado…
Gente *on*, com o coração *off*
Toques raros na pele, já *touch* de montão nas telas…
Views, amigos e seguidores mil nas redes sociais
Olhares vazios e/ou perdidos
Em momentos vitais!

Seres humanos ou virtuais?
De procedência “avatar” ou animais?

A vida segue correndo…
E a virtualização do ser humano
acontecendo.

APRESENTAMOS O POEMA

O brilho nos olhos

Por Ediney Linhares da Silva

Escrever é a essência que me identifica, refaz e ressignifica. De certo, não seria eu mesmo sem meus Pensamentos Linharescos e sem as histórias que tenho para contar, os conselhos para dividir e as reflexões para compartilhar. Essas letras e palavras também sou eu, mas as vezes sou os sinais, as reticências, geralmente. Nas caixas que costumam nos separar assumo os rótulos de assistente social, mestrando em ensino na saúde, professor universitário, avaliador de trabalhos em eventos acadêmicos, mas fui filho, sou irmão, tio, sou amigo, sou amor de pessoas que me fazem bem. E é isso o que importa.

Na
Verdade não
Precisa ter tanto
Medo, pois o futuro
É incerto para todos nós.

Eu ainda não sei o que
Pode te fazer melhor, mas há tempo,
Há tempo para tudo e têm coisas que
Só você pode fazer por si mesmo, nada mais.
Um, dois, três, quatro, cinco momentos, não importa quantos sejam...

Sim,
Não importa.
O que importa
E sempre vai importar
É aquele brilho nos olhos.

Aquele que transporta aos melhores lugares.
Aquele brilho que faz querermos ir além.
Não tem nada igual, e a gente sabe:
Quando há sentimentos verdadeiros qualquer problema se torna pequeno.
E acredite, esse brilho nos olhos faz toda a diferença.

Faz
Total diferença.
Porque o amor
Não tem forma, linguagem,
Mas cheiro, nome e endereço.

APRESENTAMOS O POEMA

Ansiedade desalinhada

Por Euzébio Ferrareze

Euzébio Ferrareze é um gaúcho, radicado em São Paulo e tem na poesia, sua forma de falar de amor, paixão e saudades.
Autor de dois livros – Minha Metade (Seleto Editora) e Antes que o amor acabe (Editora Viseu).

Instigue uma paciência
que não é minha.

Provoque em mim a mansidão
que não me pertence
deixando para amanhã
a sua tentativa de me conquistar.

Talvez eu espere,
afinal eu tenho tempo.

Mas se eu não dormir esta noite e
a ansiedade desalinhar,
será apenas mais uma
para colocar na sua conta.

APRESENTAMOS O POEMA

A noite é para todos

Por Euzébio Ferrareze

Euzébio Ferrareze é um gaúcho, radicado em São Paulo e tem na poesia, sua forma de falar de amor, paixão e saudades.
Autor de dois livros – Minha Metade (Seleto Editora) e Antes que o amor acabe (Editora Viseu).

A noite pertence aos poetas,
boêmios, prostitutas e
também a àqueles outros
que morrem de amor.

Tenho a sensação de ter brincado
muito com letras quando eu era criança,
afinal a minha sanidade,
depende do lápis e do papel.

Hoje vejo tudo isso com mais clareza,
desde que me dediquei a escrever
diariamente no meu caderno,
no meu diário íntimo tão exposto,
nesses lençóis brancos e no vazio
que só eu vejo, mais ninguém.

Eu gostaria de ter prestado mais atenção
às minhas aulas de gramática,
infelizmente o professor nunca me disse
que a linguagem também era fazer mágica.

E se eu escrevo hoje,
é para dar a alguém as minhas palavras,
pois quando eu não tiver com quem conversar,
quem compartilhará comigo o meu silêncio?

Pensando bem a noite pertence a todos,
inclusive aos pecadores.

APRESENTAMOS O POEMA

Sou a espera

Por Euzébio Ferrareze

Euzébio Ferrareze é um gaúcho, radicado em São Paulo e tem na poesia, sua forma de falar de amor, paixão e saudades.
Autor de dois livros – Minha Metade (Seleto Editora) e Antes que o amor acabe (Editora Viseu).

Eu queria só mais alguns minutos,
que é o tempo que resta deste por do sol,
para seguir suas pegadas na areia,
acompanhar a delicadeza
do compasso dos seus passos e
contemplar de perto tão rara beleza.

Eu queria ser a brisa mansa
do final de uma tarde de verão,
tocar o seu rosto sem permissão e
soprar nos seus ouvidos
palavras que expressem o que eu sinto.

Queria ser a água morna e salgada,
que no vai e vem de ondas espumantes,
envolve e banha seu corpo
num embalo constante,
levando para o mar sem volta
seus movimentos sensuais
e delicados demais.
Mas sou apenas a espera.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Um fio nessa teia

Por Henrique Cananosque Neto

Henrique Cananosque Neto, nascido em Lins em 1980, formou-se em Letras em 2001. Também estudou música e psicologia. Com especializações na área de gestão, educação e música; cursa mestrado em Docência para a Educação Básica na Unesp de Bauru. Trabalha como professor no CEEJA de Lins e na Etec de Cafelândia. É músico na equipe Querigma da Paróquia São Judas Tadeu de Lins e na Banda Benedito Marinho de Lins. Participa de Antologias Literárias desde 2008.

Tecendo poemas
Por quem, para quem
Que alegria!
Que aventura!
Que pena!

Quem lê, quem vê, quem aguenta?
Tanto verso, tanta palavra, tanta rima...
Será que esquenta?
Será que esfria?

Ahhh, quantos ais...
Quem me dera...
Até quando...
Era uma vez...
E quais esquemas?
Eu, você, nós, eles e elas...
Mais uma vez
Tecendo poemas.

APRESENTAMOS O POEMA

Mutações Hediondas

Por Inácio Jorge Xavier Fonsêca

Nasceu no sertão da Paraíba, na cidade de Patos, apaixonado por praia, vive em Recife, Pernambuco. Virginiano, acredita na Democracia, na Civilidade e na Paz como os grande caminhos para humanidade. Resolveu tentar espalhar alguns versos pelo mundo para expor as janelas pelas quais observa as ruas e o ser humano em movimento.

Assusta-me a violência como solução
A Estupidez como caminho
A ignorância como norte
A incoerência como política
A mentira como pregação

Pergunto-me a cada instante
Que seres são esses?
Que prazer os conduz?
Que terror os alimenta?
Que malignidade os atordoa?

Busco a compaixão para compreendê-los
Que infância viveram?
Que sonhos os assombraram?
Que sons os perverteram?
Que vozes os deformaram tanto?

Busco o ar e questiono
Seriam mutações psíquicas?
Alguma patológica relação objetal?
Uma fraqueza repugnante?
Um perverso sentimento de pequenez?

Intriga-me tal existência
Seriam humanos reais?
Uma espécie esteticamente semelhante?
Mutantes, cujos sentimentos deformaram?
Bestas multiformes à luz do dia?

Como podem existir?

APRESENTAMOS O POEMA

Maria Flor

Por Inácio Jorge Xavier Fonsêca

Nasceu no sertão da Paraíba, na cidade de Patos, apaixonado por praia, vive em Recife, Pernambuco. Virginiano, acredita na Democracia, na Civilidade e na Paz como os grande caminhos para humanidade. Resolveu tentar espalhar alguns versos pelo mundo para expor as janelas pelas quais observa as ruas e o ser humano em movimento.

Se sou Flor
Sou leveza
Sou natureza
Sou beleza
Sou esperança

Se sou Maria
Sou força
Sou fé
Sou resistência
Sou luta

Mas sou Maria Flor
Leveza e força
Natureza e luta
Esperança e resistência
Beleza e fé

Aqui cheguei
Para juntar-me a vocês
Aliar-me à construção de alegrias
Somar-me aos que fazem brotar poesias
E acreditar que podemos, sempre!

Beijo do Vô!

APRESENTAMOS O POEMA

Amor de Asas

Por Iomara Larissa Luz de Aragão

Apreciadora de livros, reconhecendo a escrita como forma de vazão do humano enquanto ser que sente o mundo, o outro, o tempo, a abstração e a concretude das situações da vida.

Quis ele voar pertinho de mim por um momento,
Foi embora e disse apenas desculpas
Sem tantas lutas, falou e nunca mais aqui voltou
Eu o amei e narrei bons tempos
Prometemos, um dia, nunca nos deixarmos levar pelo ódio
Mas não imaginamos o dia e a hora, são coisas de relógio
Ele disse com a asa trêmula em raiva que me era dono
Por um tempo, pensei que em tristes gaiolas seria eternidade roubada
Um abraço negado, ciúmes enfeixados de gritos, olhar retraído
Disse pra ele que pássaro voa, não reprime, nem agride
Musicalizei em tons de ritos atravessados formas de escapar de ninho rude
Treinei morar distante, beijos sombrios, tardes severas
Foi um adeus não ensaiado, pássaros em castigo, castelos e sumiço
Sumiu o amor, aumentou o tédio, temperos sem mistérios
Fugiu do lar, o outro pássaro foi buscar retorno em outra morada
Mais tarde entristecido aquece um selo de despedida
Entregou-me um papel amassado, meio molhado, por debulhado em lágrimas escrito
Foi quando abri e bem fundo queimou no peito uma dor vazia, meio cheia do mundo
O pássaro que me era querido tinha desenhado uma casinha no meio do rio, foi ele virar peixe, casou com as águas, namorou a lua, numa astronomia que, por si, encabula
Buscou ele o isolar de amar, foi porque o amei que o deixei se desintegrar daqui
Seria ele feliz como peixe em seu romantizado enfeite, seria eu um abandono delinquente
Seria ele feliz, serei eu uma aprendiz
Mas se virasse ele um lobo, seria dono do rumo todo, guarani e tupi fariam fogueiras antes de dormir
Ser pássaro, não troco não, moço
Não deixo minhas asas, nem por brisas, nem por rimas, nem por birras
Sendo passarinho temos o céu pra abraçar, temos o solo para passear, temos o sol para namorar
Artes tragadas ao alvedrio do beijo molhado, fui em tudo uma serena poesia,
Fui do mundo uma cantoria, vim do mundo sem conhecer que seria artista

Mas queria que um dia o arrependimento marcasse
Seria o amor tremido sem volta
Meu pássaro robusto, meu tudo
Minha lamentável forma de chorar para o passado, querendo ser presente de quem não me via no futuro
Foi triste mais do que raivoso, quando o perdi para uma porção de águas, deixou a mim e o céu choroso de asas
Saudade falível retrocedeu em mitos, lugarejo estranho, solidão inconstante
Trilhos invadidos, mazelas expostas, se eu o encontrasse, juro não o amaria mais
Se ele voltasse porque não gostasse de nadar no azul, o céu o receberia ainda sem asas
Porque o céu perdoa mais que eu pudesse tentar entender o porquê
Teria eu de aprender a perdoar o abandono invulgar de um amor ingrato e insolente
Pulsou o medo de perder pra sempre, se voltar, voltou, mas com pendência de perdão
Incoerente, apenas um remendo no coração de andorinha doente
Longe, numa regrada estória inventada, esta seria uma lenda daquelas bem arretadas
É que pássaros, céu e mar tiveram em letras rimadas um contexto pra emocionar

APRESENTAMOS O POEMA

Recomeço

Por Jessana da Silva

Jessana da Silva é brasileira, natural de Goiás, bacharel em direito e escritora.

Não é proibido cansar de sofrer
De esperar alguém mudar
De partir de onde está
Isso é se matar
Se amar
Se encontrar
Reexistir
Se permitir
E reconstruir,
Seu clico de recomeço.

APRESENTAMOS O POEMA

Goiás Velho

Por L. Machaim

Desde pequena, Luíza tamborilava os dedos nos livros à procura de fantasias, suspenses e romances. Sempre interessada em linguagens e línguas, histórias, na "logia" da vida e nos mistérios da natureza, no paradoxo da simplicidade e complexidade no voar e pousar de uma joaninha. Cresceu na intuição e misticidade e amadureceu na bruxaria de seus sentimentos. Sinestésica e inundada de criatividade, enrolava mechas de cabelo matutando as próximas criações. Mesmo não incentivada às artes na infância, sempre foi inegável sua inclinação a elas, mostrando muito pouco ao mundo, guardando muito para si mesma.

Paredes cheias de histórias, gravadas agora em minha memória.
Pedras carregadas de lembranças, carregadas por braços escravos.
Pedras essas onde minhas sandálias da loja ao lado tocaram a cada passo caminhado, a cada cena registrada pelos meus olhos de vidro.
Cidade do rio vermelho, da mulher de coração rubro que deixou muitos versos para serem compartilhados ao vento como o canto de todos os pássaros do mundo.
Porões que envergaram as minhas costas à procura de mais histórias, de mais grampos de Maria.
Onde minhas lágrimas exigiam ficar, a procura de piedade perdida nas paredes da casa das bandeiras onde pessoas foram deixadas à morrer, esquecidas, lembradas agora.
Portas velhas fechadas à luz do sol, abertas ao entardecer.
Uma cidade silenciosa que vai nascendo junto à lua no céu.
Ao sabor do barú gelado em meus lábios observo as luzes amarelas surgirem à beira do rio.
Artes sacras, arquitetura pintada com a areia da terra das serras que rodeiam estas paredes cheias de histórias, gravadas agora em minha memória.

APRESENTAMOS O POEMA

Cor de jambo

Por L. Machaim

Desde pequena, Luíza tamborilava os dedos nos livros à procura de fantasias, suspenses e romances. Sempre interessada em linguagens e línguas, histórias, na "logia" da vida e nos mistérios da natureza, no paradoxo da simplicidade e complexidade no voar e pousar de uma joaninha. Cresceu na intuição e misticidade e amadureceu na bruxaria de seus sentimentos. Sinestésica e inundada de criatividade, enrolava mechas de cabelo matutando as próximas criações. Mesmo não incentivada às artes na infância, sempre foi inegável sua inclinação a elas, mostrando muito pouco ao mundo, guardando muito para si mesma.

Me olha, me habita
Me despe com teus olhos baixos
Encosta em mim tua pele morena
Solta meus cachos
Passa a tua mão pequena
Por entre...
Arrepia minha nuca
Encolhe meu ventre
Beija meus lábios molhados com os teus cor de jambo
E sorri com o olhar ao olhar meu corpo bambo.
Me abraça
E caça
E acha minha boca
Com a voz meio boba, meio rouca
Respira chegado
Sente meu coração acelerado.
Deita comigo
E faz do meu peito abrigo.

APRESENTAMOS O POEMA

Metamorfia

Por L. Machaim

Desde pequena, Luíza tamborilava os dedos nos livros à procura de fantasias, suspenses e romances. Sempre interessada em linguagens e línguas, histórias, na "logia" da vida e nos mistérios da natureza, no paradoxo da simplicidade e complexidade no voar e pousar de uma joaninha. Cresceu na intuição e misticidade e amadureceu na bruxaria de seus sentimentos. Sinestésica e inundada de criatividade, enrolava mechas de cabelo matutando as próximas criações. Mesmo não incentivada às artes na infância, sempre foi inegável sua inclinação a elas, mostrando muito pouco ao mundo, guardando muito para si mesma.

O sol enfraquecendo,
A lua violenta irrompendo
No céu a rodar.
Helena dedilha, maníaca
Sua harpa puída;
Na cadeira aluída,
Está a sentar.
Dedos de sangue,
Um frenesi delirante,
A dor massante,
A se instalar.
Ela sabe que a hora chega;
No tardar da noite cheia,
O Urutau a assombrar.
O ululo avoluma a goela;
Espremendo a moela,
Ela se põe a chorar.
Uma paralisia repentina;
Sentindo na retina,
Os olhos a se transformar.
Selvagens e desumanos;
Procurando os submundanos
Espaços de seu corpo
Para se instalar.
E a harpa a despencar.
Os pés ligeiros,
Aos devaneios;
As mãos sangrentas,
Às cortinas escancarar.
Lembrando da batina
Do padre a beijar;
Implorando pela morte,

Qualquer coisa é melhor que esperar
A lua cheia no céu brilhar.
A luz cegante;
A esfera gigante
Para Helena a cantar.
Em um pulo penetrante,
As garras no solo a fincar.
Agora correndo,
O corpo de pelos se enchendo,
O peito a gritar.
Os ossos se quebrando,
As costas se curvando,
Até bicho virar.
O ululo finalmente a se libertar;
Ao pé do salgueiro a se levantar;
Para a lua uivar.

APRESENTAMOS O POEMA

Vinho interrupto

Por Lucas Onofre

Nascido Campo Mourão, no interior do Paraná, começou a praticar a escrita espontânea com crônicas e contos aos 19 anos. Inicia seus primeiros esboços com intuito de desaguar emoções e assim segue até hoje. Historiador por formação, filósofo por vocação e eterno aprendiz de escritor, tem como temas recorrentes em seus trabalhos o tempo, o vazio, a possibilidade de sentido da vida e o confronto do eu com o mundo. Atua, também, como diretor de teatro e dramaturgo, sendo Coordenador do Grupo de Teatro da UTFPR de Campo Mourão, onde é servidor técnico-administrativo.

O silêncio de agora contrasta com as
nossas risadas de há pouco. Olho sobre a mesa.
Esta meia garrafa de vinho não deveria estar ali. Mas está.
Deveríamos tê-la tomado. Mas não tomamos. Fomos
interrompidos por um telefone. Ela saiu.
Disse que voltaria.
Mas não voltou.
Falávamos
sobre
os
nossos sonhos.
Mas não terminamos.

Já são três e cinquenta e cinco da manhã,
acho que já posso guardar essas duas taças e dormir.
Fico cá me perguntando “Será que fui simpático o suficiente?
Será que falei tudo?”. As conversas da vida, em geral,
são inconclusas. E as poucas conversas
que têm conclusão
são pragmáticas.
Necessárias,
deveras.
Mas,
não costumam ser
impertinentemente poéticas.

APRESENTAMOS O POEMA

Relógio do Tempo

Por Lucas Onofre

Nascido Campo Mourão, no interior do Paraná, começou a praticar a escrita espontânea com crônicas e contos aos 19 anos. Inicia seus primeiros esboços com intuito de desaguar emoções e assim segue até hoje. Historiador por formação, filósofo por vocação e eterno aprendiz de escritor, tem como temas recorrentes em seus trabalhos o tempo, o vazio, a possibilidade de sentido da vida e o confronto do eu com o mundo. Atua, também, como diretor de teatro e dramaturgo, sendo Coordenador do Grupo de Teatro da UTFPR de Campo Mourão, onde é servidor técnico-administrativo.

Ponteiro-faca-cega no começo
arranha pouco,
tem dó da tenra pele,

mas conforme passa
fica foice-corta-fundo
rasga couro, osso e tudo.

APRESENTAMOS O POEMA

Metapoesia

Por Lucas Onofre

Nascido Campo Mourão, no interior do Paraná, começou a praticar a escrita espontânea com crônicas e contos aos 19 anos. Inicia seus primeiros esboços com intuito de desaguar emoções e assim segue até hoje. Historiador por formação, filósofo por vocação e eterno aprendiz de escritor, tem como temas recorrentes em seus trabalhos o tempo, o vazio, a possibilidade de sentido da vida e o confronto do eu com o mundo. Atua, também, como diretor de teatro e dramaturgo, sendo Coordenador do Grupo de Teatro da UTFPR de Campo Mourão, onde é servidor técnico-administrativo.

o vazio
ao lado
do poema
é a forma
da ausência
que dá voz
ao silêncio
da letra contida

APRESENTAMOS O POEMA

Existência

Por Nancy Alcântara

Nancy Alcântara – psicóloga clínica com abordagem Fenomenológica-Existencial. Já ministrou aulas em cursos de graduação e pós-graduação. Hoje se dedica ao consultório de forma presencial e on-line. Entre uma sessão e outra se dedica a escrita.
Presidente coordenadoria São Paulo da AJEB-SP -Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil.
Casada, paulistana que já morou em outras cidades como: Brasília e Presidente Prudente. Mãe de três filhos (duas moças e um rapaz) e avó de cinco netas.

Obscura segue a música meiga, terna

Distante como o chão distante

Cheia da inconsciência do tempo

E do que não acontecerá na próxima esquina;

E do que não aconteceu mais na última estação

À espera de janeiros e junhos

Por fim já espero um ano inteiro

Que não vem nem veio

Cruzar esta insossa correria.

Te perdi meu amor

Quando me perdi nessa importante falta de objetivos.

Teu pó já não cora mais o branco das fases sem sol

E das calmas das minhas almas amadas distantes

Existentes? Existentes.

Pudores meus

Já não escondes as rudes mágoas

Os desencantos.

Foram-se os dias dos verdes galhos

Das esperanças em doces maios.

Hoje se esgueiram nos interiores

Nos vãos e ventos dos meus janeiros.

E ficam assim agonizantes

Neste festim de sois minguantes.

APRESENTAMOS O POEMA

01:37

Por Pedro Henrique Andrade

Pedro Henrique Andrade é jornalista, atua como analista de comunicação no terceiro setor e também é mestrando em ciências da comunicação. Vê nas palavras escritas um instrumento necessário para compreender e entender a vida, as pessoas, os sentimentos e si mesmo.

Sabe estou pensando em nós
E penso como alguém que pensa muito
Estou pensando nas coisas que fomos
Seríamos
E nas que temos sido, também
Ninguém é só passado, afinal
Somos todos o que fomos
Mas também o que vamos testemunhar
E somos o agora
O agora que foi
O agora que vem
Tenho pensando em nós porque me convém
Mas também porque preciso
Sentir
Derivações de um mesmo sentimento complexo que não cessa
Quero te odiar mas não faz sentido
E quando consigo minimamente
Percebo
Não faz sentido
Porque também não sou eu
E você não merece nada que não seja afetuosamente pensado como carícia e afago
Abraço apertado
Mãos entrelaçadas
E dedos roçando nas costas
Cheiro
E se eu tentar te odiar amanhã outra vez
Voltamos à estaca zero
Por isso seguem sentidos todos
Juntos
E nunca unânimes
Tenho pensado porque também preciso
Mas não é mais

Urgente
Nem obrigatório
Só é
E vai ser, porque foi
Tem sido porque aconteceu

APRESENTAMOS O POEMA

Que se a vida é isso

Por Pedro Henrique Andrade

Pedro Henrique Andrade é jornalista, atua como analista de comunicação no terceiro setor e também é mestrando em ciências da comunicação. Vê nas palavras escritas um instrumento necessário para compreender e entender a vida, as pessoas, os sentimentos e si mesmo.

Quero que saiba que se a vida é isso
Estou aqui
Na realidade concreta e na aspereza do cotidiano
Estou aqui
E te enxergo nas abstrações que me aparecem sempre
Não são carros alegóricos
Tapetes vermelhos
Não prescindem mais de gritos aos quatro ventos
São calminhas e tenras
Parecem sábados de manhã
Também são mais práticas e emanam senso lógico
E por isso são contraditórias e paradoxais
Como a vida é
E quando elas desaparecem
Porque precisam
Se apequenam
ou porque não cabem ali naquela hora
Eu volto e olho tudo lá fora
E o mundo segue na sua banalidade trivial
As pessoas estão só vivendo suas vidas da forma como fazem sempre
Porque é assim que deve ser
Porque foi assim que aprenderam
E eu penso que eu quero que todas elas possam saber
Que a vida é isso

APRESENTAMOS O POEMA

A sua

Por Pedro Henrique Andrade

Pedro Henrique Andrade é jornalista, atua como analista de comunicação no terceiro setor e também é mestrando em ciências da comunicação. Vê nas palavras escritas um instrumento necessário para compreender e entender a vida, as pessoas, os sentimentos e si mesmo.

As suas inseguranças me deixaram inseguro
Sua falta de tato
Suas preocupações
Suas angústias e sua busca pelo desencontro
Também
E eu quis pintar a realidade de cores outras pra fingir para mim que a insegurança não combinava
Nem fazia parte da situação
Mas combinava tanto
E fazia tanta parte que
Nunca mais saiu
Ficou
Fez lugar cativo
E todas as vezes que eu tentei minimizar a insegurança em prol da compreensão etérea de quem ama
Você tratava de convidar a insegurança
Pra me lembrar inconscientemente que ela estava ali
Ela estava
sempre
e sufocou

APRESENTAMOS O POEMA

O nadir

Por Rafael Pascoto Fugimoto

Rafael é uma pessoa que sempre se interessou por livros e leitura, apesar de não ter tido muito acesso na infância. O despertar para a literatura veio aos 16 anos quando ficou 20 dias numa cidade pequena do interior de São Paulo e por lá permaneceu na biblioteca municipal. Quando ingressou na faculdade de direito pode ler muitos livros na biblioteca o que despertou ainda mais o seu interesse por assuntos variados. Lê vários livros simultaneamente, sejam os técnicos (de sua profissão), sejam de prosa e poesia. Pratica atividade física com frequência (corre 5km aos finais de semana e um pouco de musculação) para manter o corpo são e a mente sã.

Estamos à beira-mar.
Parados em praias distintas um defronte ao outro.
Acenamos e pulamos.
Nossos gestos são como quem vê o ouro pela primeira vez.
Sentimos as marolas baterem em nossos pés.
Não sabemos o que é...
Começamos a nadar.
Quanto mais avançamos a nós mais fundo o oceano fica.
Temos medo. E se nos afogarmos em tamanha imensidão?
E se não soubermos nadar quando as correntes mudarem o curso?
E se as águas estiverem agitadas e nos jogarem para outro lugar?
E se...
Recuamos e nos sentamos.
Nosso desejo é o mesmo. Queremos nos encontrar.
Mas o que fazer quando estamos em costas distintas?
Começo a construir uma jangada e você faz um totem esperando um avião a passar.
Todas as tentativas são vãs.
Cansamos e nos deitamos.
Ficamos ali, na chuva gélida, no sol que desgasta a nossa pele, na brisa noturna.
Na escuridão, fazemos uma clareira e nos comunicamos por fogo.
Têm noites que o fogo arde como os olhos de um lince ao ver sua presa.
Às vezes, as labaredas diminuem e só visualizamos a madeira se extinguir a cada estalo.
Em algumas, somente existe uma pequena fumaça.
E noutras, você apenas foi se deitar no meio do breu.
Nossos meses se passam, os anos se arrastam e nos perguntamos de que forma será melhor ir ao nosso encontro?
Não vem...
Ali é tudo o que nos resta.
Já imaginamos se não é melhor desistir e não mais resistir.
Quando a tristeza me abarca, lavo meu rosto naquelas águas e não sei mais se as lágrimas são tão salgadas assim.

Num papel amealhado pelo tempo com uma caneta largada, começo a escrever um conjunto de palavras soltas ao léu.
Deposito a mensagem numa garrafa de vinho que outros casais devem ter celebrado ou se enterrado em seus litorais.
Lanço-a no mar como se estivesse um cruzeiro a zarpar.
Deixo-me ir embora junto com ela.
Dou as costas para tudo aquilo e tento voltar à cidade que me ilumina.
Enquanto ando me pergunto: será que você a terá recebido?
Minha náusea aumenta ao saber que aquela carta está sem rumo.
São os ventos quem regem a sua rota. Não sou então o capitão.
O incontrolável me afoga e me faz temer que tudo está perdido.
Saio correndo como um alucinado para ver onde está aquele navio que carrega todo o meu tesouro.
Sento-me novamente na areia úmida e o meu corpo afunda.
Vejo que a nossa nau está ali no meio daquela imensidão.
Extenuado, percebo que estarei sempre em beira-mar com você.

APRESENTAMOS O POEMA

Ser Poeta

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de dezoito antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

E você pergunta
sobre o poeta que,
em mim, reside.
Será? Não sei....
Veja o que você percebe....

Machuco as palavras
quase sempre.
Combino amor com solidão,
solidão com futuro
e futuro com tristeza.

Provoco lágrimas
e desprezo o riso falso.
A melancolia retoca
as minhas linhas
e as minhas letras
geram ambiguidade.

O comum não me satisfaz.
Procuro pela noite escura,
mas com luar de assombração.
Falo com as estrelas
e as toco com as minhas mãos.
Ao Cosmos, ligo-me
à procura da eternidade,
num segundo de emoção.

Minha mente é complexa
mas não sabe mentir.
O que era infantil,
desapareceu com o tempo.

A maturidade veio
manchar a inocência.
E a consciência
desprezou a covardia.

Ao sofrimento alheio
minha voz não se cala,
mas revolta.
A insensatez humana
traz-me desconforto.
E ao papel, retorno.

APRESENTAMOS O POEMA

Imaginação

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de dezoito antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Pensei que era...
- e era... Só para mim.
Pensei que estava...
- e estava... Percebi.

Enquanto pensei,
vivi...
Enquanto pensei,
senti...

E criei, confabulei.
E inventei, comigo.
Estórias minhas.
Imaginação "real".

Mágicas vivências!
Aladas são livres.
Pensamento infinito.
Dádiva agradecida.

Maná que chega
e distorce.
Some e retorna.
Renasce... e dissipa.

APRESENTAMOS O POEMA

Mente Somente

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de dezoito antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Quando o tempo é forçado a pausar
nesta mente que cisma em sonhar,
não há nada externo que estimule,
nada que o transe, bloqueie.

Ondular e químico é o passeio.
Interações de moléculas e células...
e um pulular de constantes átomos
levando trazendo e assimilando impressões.

O pensado imaginado e sonhado
noutras dimensões, vagueiam.
Registram sons, cheiros... feitios de volição
sem externamento ou revelação.

Cai-se noutra vivência... paralela.
E histórias e poemas vêm de lambuja.

APRESENTAMOS O POEMA

O milagre de renascer

Por Solange Damião

Nasceu em 12 de junho de 1973, no Pari, São Paulo. Vive em São Paulo, onde atua como Professora de língua português e inglesa. Possui textos publicados em sites e revistas literárias como Revista Barbante, Ser Mulher e Os Fazedores de Letras (Portugal). Acredita que a arte e a poesia devem ser utilizadas para a expansão da consciência e da sensibilidade acima de tudo.

Caminhei em silêncio, meramente espantada
com o barulho da minha alma a despencar no chão do universo. Os pés tropeçaram
nas flores e folhas mortas: falências
– seivas que germinara mistérios às janelas mais distraídas.

O cenário causou-me tempestade nos olhos,
os vasos rompidos dizimaram
a virgindade que ofegou a respiração na previsão do tempo
que alterou a violação. E foi assim
que atendi a súplica
colhida nas flamas que me consumiram para estar em mim: intimidade
– limite de dentro que um dia enxergara lonjuras.

O falecimento era de praxe,
porquanto a penitência perpassava a aurora
e as janelas
que solícitas empenhavam-se no debulhar da chuva,
no vazamento da consciência que transbordava às entranhas: culto
– devoção maior que não cabia na palma da mão,
mas que se alastrava por toda a matéria – como metástases em canção.

Ah, como apetece-me desenhar o que senti, mas não posso!
Escapa-me o vazio,
o pouso,
a matéria,
a alma que respira o gás da sobrevivência,
pois não há como segurar uma nuvem no chão, o bueiro entupiria o cano
de saída para o rio, este
que sustenta a cachoeira que sangra a cura
no íntimo de nós: segredo
– milagre de renascer em flores e folhas mortas.

Esperança!

APRESENTAMOS O POEMA

A leveza do amor que nunca morre

Por Suiany Tavares

Maria Suiany Ripardo Tavares Pereira, nascida na cidade de Sobral – CE. É professora de formação em Filosofia. Ministra aulas de Literatura, Arte, Sociologia e Filosofia desde 2012. É membro do Coletivo Sem Ponto Final com poesias recentemente publicadas.

Por ti eu me encantei de diferentes formas

como se os meus sentimentos fossem uma lente telescópica,

ajustando-se para procurar o melhor ângulo de uma estrela no céu.

Olhos fixos, encontrei teu brilho em noites cálidas e silenciosas.

E meus olhos castanhos refletiram com fascínio tua fotosfera.

Amei-te pelo avesso e contra todas as possibilidades.

Sonhei em tuas linhas e me realinhei pelo toque de tuas mãos.

Achei abrigo em teus abraços-casa e desbravei terrenos inexplorados

de tuas camadas de personalidade.

Meu céu nublado em fúria tempestade, meu céu calmo de final de tarde

foste tu.

Assim como as estações, nós mudamos conforme o vento dos acontecimentos

e sofremos a força e o peso da vida, desafiando a sobrevivência de nosso elo.

Mas, enfim, alteramos as rotações, fizemos dos desencontros e distâncias

nosso caminho de volta para o amor primeiro, livre, autêntico, leve e imortal.

APRESENTAMOS O POEMA

O Encantador de cobra

Por Tiago Guibra

Apaixonado por criar e desenvolver histórias. Autor e escritor nas horas vagas, carioca da gema, recentemente acolhido pela maravilhosa cidade de Ribeirão Preto, papai do Heitor e esposo Paty. Autor de "As aventuras do porquinho Erif" desenvolve essa nova obra com muito carinho para vocês.
@tiagoguibra

Por trás de um sorriso ensaiado, uma fala macia preparara a sua preza.

Não sabemos ao certo a sua missão, pois a cobra tem destreza.

O seu Sim não denota verdade, mas o não transmite certeza.

Procura pessoas fracas em caráter pra sentarem a mesa, e coloca a cabeça dos justos como forma de sobremesa.

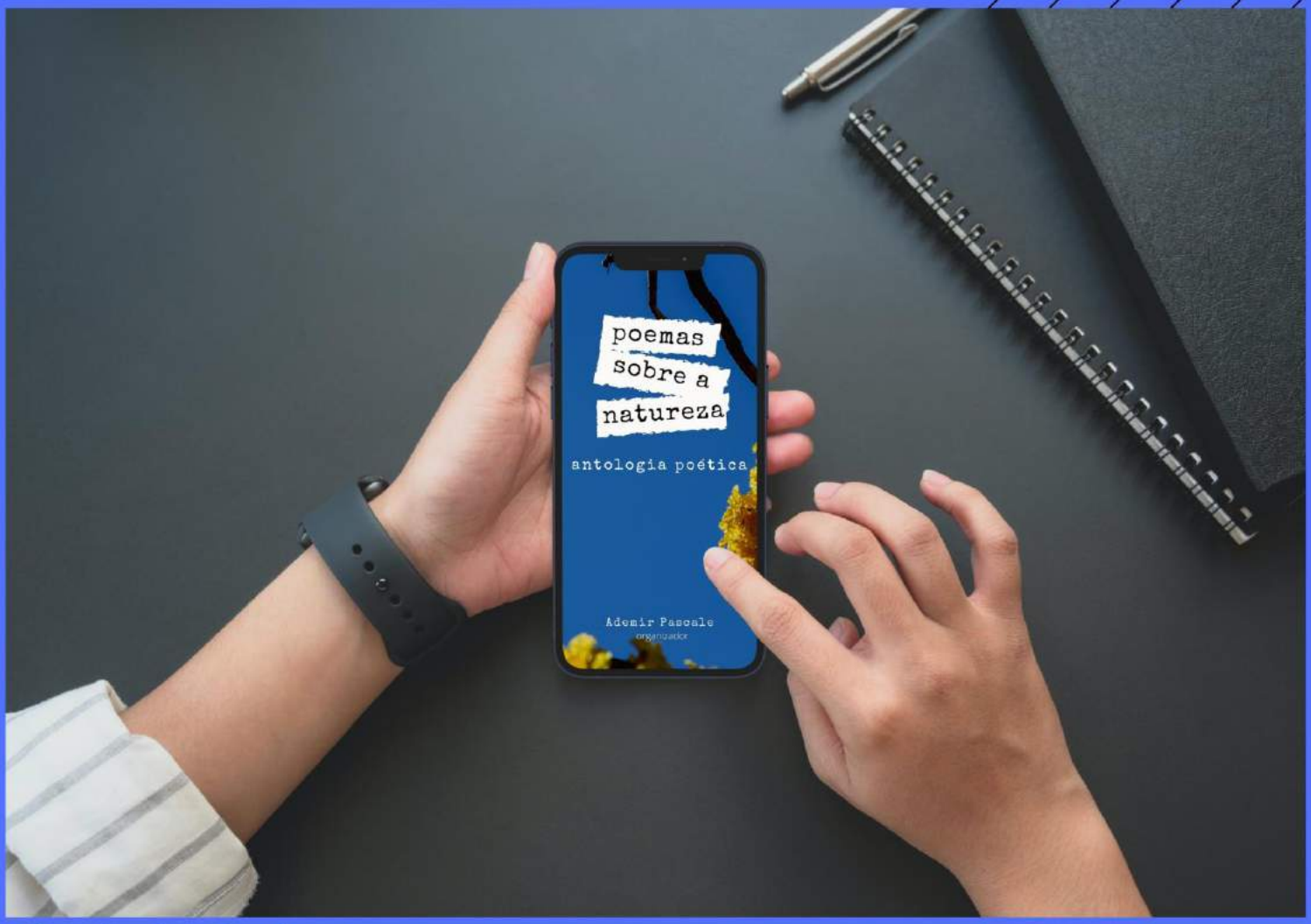
No íntimo da sua alma, sem máscara e sem escudo, no beco da solidão deitado num quarto escuro.

Quanto mais o dinheiro cresce, menor é a lealdade, sem alma e sem coração no topo da vaidade.

Eu não jogo esse jogo, caráter tenho de sobra.
As vezes pra sobreviver, viramos encantador de cobra.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**